

A PARTE SUTIL DA ESCRITA NA EXPERIÊNCIA DE LUGAR INVENTADO

THE SUBTLE PORTION IN WRITING WITHIN THE EXPERIENCE OF THE INVENTED PLACE

Vinicius Oliveira Santos

Resumo

Aspectos da escrita, presentes no processo de produção textual da pesquisa em arte, abrem a possibilidade de reflexão a partir da experiência da escrita em articulação com problemas no uso de procedimentos artísticos contemporâneos. A partir de relações entre o processo da escrita com o uso das metodologias de produção científica, o local que a escrita elabora é evidenciado na leitura da monografia de pós graduação A Arte Zen e o Caminho do Vazio: Uma investigação sobre o conceito zen-budista de Não-Eu na criação de arte, monografia em arte escrita por Claudio Miklos.

Palavras-chave: Pesquisa em Arte, Escrita, Escritura, Território.

Abstract

Aspects of the writing, found throughout the textual production of the artistic research, open the possibility to think about the writing experience articulated within contemporary artistic procedures. Departing from relationships between the writing process and the uses of methodologies of scientific production, the place the writing develops is unfolded by the reading of The Zen Art and the Empty Way: A research about the zen-budist concept of Non-Self in the artistic creation, art thesis written by Claudio Miklos.

Keywords: Artistic Research, Writing, Scripture, Territory.

ISSN: 2175-2346

O processo de tessitura do texto em artes visuais, seja na amostra parcial de uma pesquisa em andamento, seja na articulação contingente de conceitos daquela pesquisa, pode apresentar-se ao scriptor¹, juntamente a uma primeira interrogação que se refere à forma que dará suporte ao assunto/tema, isto devido a natureza mesma do campo através do qual o texto emerge. Esta situação se daria, principalmente, no contato com os desdobramentos da produção poética contemporânea que acena com a – quase irresistível – possibilidade de atuar, nas produções textuais que lidam com a pesquisa artística, em contextos de fluidez e experimentação. Na elaboração de modelos que podem buscar dilatações ou mesmo rupturas nos modos de produção textual relativos às pesquisas em artes, se podem observar com frequência, através dos textos, o debate quanto à problemas e problematizações na relação das exigências do binômio criação/publicação no meio acadêmico, apesar da imensa variedade de assuntos e objetos tratados naquelas pesquisas. Estas questões disputam a atenção de pesquisadores e, principalmente, dos estudantes em programas de pós graduação em artes (visuais, plásticas, performáticas) uma vez que estes estão envolvidos em práticas ampliadas de criação artística, e em procedimentos conceituais que se desdobram desde os anos sessenta e setenta². Procedimentos que também são responsáveis pela instauração do texto como mais um espaço de articulação da obra artística.

Pensar a escrita enquanto processo pressupõe, entre outras coisas, considerar a imersão em um território, ou ainda, na ação de situar-se em um determinado espaço. A escrita solicita a elaboração de ferramentas para a existência possível no então território deflagrado. Trataria-se aqui de uma situação na qual as ações – a escritura, a reflexão crítica do processo e seus contextos – se movimentam entre as fórmulas para a construção de textos técnicos da arte, e a dessacralização contínua destas fórmulas para a criação de novas relações. Estas estratégias possibilitam distintas maneiras de aproximação ao assunto/tema da pesquisa. Um paralelo mais evidente que se pode estabelecer entre a escrita da pesquisa em arte e as práticas artísticas contemporâneas, está nos procedimentos de ativação de dispositivos visuais e semânticos na vivência do espaço expositivo da arte, nas práticas discursivas, e na crítica e curadoria. Estes procedimentos propõem novos panoramas na relação arte e escritura. Como manejar o texto para tratar da arte, e ao mesmo tempo para tratar deste quase-outro campo que é a pesquisa em arte?

Cabe ao scriptor identificar e estabelecer os pontos no texto para configurar o percurso. Neste caso, o texto se estabelece como trajeto que atravessa o território instaurado pela escrita, e que é também como uma miríade de caminhos, disponíveis à exploração do leitor passageiro. Contudo, o scriptor, seja artista ou pesquisador (ou ambos), é uma espécie distinta de explorador na medida em que é este quem elabora o território, e o habita com as ferramentas que cria na experiência solitária que a escrita produz: A solidão da escrita é uma solidão sem a qual o escrito não se produz, afirma Marguerite Duras em seu *Escrever*³. Esta solidão ocorre num tempo que não se permite medir – ainda que com prazos de entrega – pois a escrita vai sempre junto daquele que a produz, inseparável. Talvez seja neste paradoxo para aquele que escreve; o de

¹ O termo é aqui utilizado para marcar a referência direta ao conceito de Roland Barthes, em especial por tratar da escrita no meio acadêmico. Uma outra referência, não explicitada no texto, é da peça *O Que é um Autor* de Michel Foucault, em relação à genealogia do texto produzido.

² FERREIRA, Glória e COTRIM, Cecília (orgs.). *Escritos de Artistas: Anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

estar só e ao mesmo tempo ver-se inseparável da escrita, é exatamente aí onde a tessitura pode ser percebida, uma vez que a escrita, não é uma coisa mas um estado, um efeito.

Uma outra pista nos é dada por Duras em respeito ainda ao tempo; A solidão faz-se só. Eu fi-la. Pois não é em um único texto que a escrita se encerra. Trata-se de uma prática contínua de encontro com uma imensidão vazia. E é neste vazio que a escrita ganha sentido, inclusive em sua polissemia⁴. “Ela não deve saber que escreve o que escreve. Pois se perderia. E seria uma catástrofe.”, atesta a frase de Lacan, invocada por Duras⁵.

Aqui torna-se interessante fazer uma breve observação das escolhas na elaboração de uma monografia de pós graduação em artes visuais: A Arte Zen e o Caminho do Vazio: Uma investigação sobre o conceito zen-budista de Não-Eu na criação de arte, de Claudio Miklos. Antes porém, cabe sublinhar um aspecto crucial para refletir sobre as estratégias na história do próprio indivíduo que escreve. Ainda que as escolhas conceituais e os procedimentos de pesquisa possam por vezes diluir-se no corpo do texto, a maneira com que a escritura se apresenta traduz de certo modo o sujeito-pesquisador.

A dissertação de mestrado de Cláudio Miklos, realizada no programa Ciências da Arte da Universidade Federal Fluminense/UFF, tem como objetivo investigar, nos conceitos fundamentais do Zen e da arte zen, pontos de contato com o meio da arte, particularmente com arte produzida desde os anos sessenta, como a performance, o minimalismo e o conceitualismo. O autor deixa claro o recorte de sua pesquisa/texto;

(...) elementos que compõem fundamentos e filosóficos básicos que sustentam a originalidade da concepção artística zen, as premissas de interpretação contemplativa que esta prática propõe no seio de seus vários meios de arte, e compará-las com as atitudes performáticas de artistas visuais contemporâneos, cujas ações criativas possam apresentar pontos em comum com a proposta estética e perceptiva do Zen-budismo⁶.

Seria neste aspecto, que garante a existência da pesquisa formalizada pelo texto, que estaria a contribuição genuína para os saberes com os quais a pesquisa estabelece contato⁷. Num primeiro momento, o texto de Miklos se mostra de difícil acesso, justamente devido a apresentação dos fundamentos do Zen, estranhos e complexos para a maioria dos leitores ocidentais. Talvez por isto, a opção do autor se dá por estabelecer um percurso didático, com a apresentação clara e objetiva dos aspectos essenciais para os objetivos da pesquisa. É já aí que a escrita torce o senso comum sobre aspectos nos quais estão assentadas as bases da investigação em arte. Os dois primeiros capítulos são dedicados aos conceitos que levam à compreensão do atributo do Não-eu⁸ - condição de percepção sem os vícios da representação e da idealização distorcidas da mente -, e à exposição dos fundamentos básicos da estética zen.

O referencial bibliográfico é composto principalmente de textos sobre o Zen e a

¹

³ DURAS Marguerite. Escrever. Trad. De Rubens Figueiredo. São Paulo: Ed. Rocco, 1994.

⁴ CATTANI, Icleia Borsa. “Arte Contemporânea: O Lugar da Pesquisa”. In: BRITTES, B. & TESSLER, E. O meio como ponto zero: Metodologia de pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

⁵ DURAS, Marguerite. Op.Cit.

Arte Zen, oferecendo entradas para o leitor que eventualmente possa querer buscar algum aprofundamento específico, o que não cabe na pesquisa de Miklos.

Mas também dialoga com autores da teoria da arte, da psicanálise e da fenomenologia como Edmund Husserl e Gaston Bachelard, além dos escritos de artistas, como Sol Lewitt e John Cage. As documentações sobre a produção artística desde os anos sessenta, dão forma ao terceiro capítulo, que efetua a ação de contato dos procedimentos de variados artistas com os aspectos da arte zen. Este momento evidencia a relevância dos fundamentos e conceitos apresentados anteriormente.

Cabe ressaltar que Claudio Miklos tece um texto que é marcado pela sobriedade e simplicidade, e neste sentido, é coerente com o questões chave do tema tratado: a arte zen. A construção de seu território de pesquisa, ocorre em claves bem evidenciadas: a natureza da percepção, a relação Eu-Mundo, a concepção de beleza relacionada à impermanência e ao inconveniente, a experiência arte-vida, e o Vazio na criação artística. Deste modo, o texto consegue estabelecer um percurso, e demonstrar o lugar de existência da pesquisa. O processo de tessitura, que o texto de Miklos sugere, acaba se relacionando – ainda que de modo estranho, pois são olhares de naturezas distintas mesmo que análogas – com as palavras de Duras, quando a autora trata do estado-lugar onde se processa a experiência da escrita;

Creio que a pessoa que escreve está sem idéia de livro, que tem as mãos vazias, a cabeça vazia, e que não conhece, desta aventura do livro, senão a escrita seca e nua, sem futuro, sem eco, longínqua, com suas regras de ouro, elementares: a ortografia, o sentido⁹.

Como apontado mais ao início deste ensaio, a tessitura do texto ocorre no movimento de negociação com fórmulas e técnicas. E, no caso da pesquisa em artes, também com certas normas de produção textual, em especial no que diz respeito à revisão bibliográfica. A aventura teórica da pesquisa admite esforços para ir além da mera descrição, atribuindo significado aos dados observados¹⁰. No caso da monografia de Miklos, é seu conhecimento sólido em relação aos conceitos e fundamentos do Zen que lhe permite problematizar e expandir na construção do seu objeto¹¹. Cabe então, àquele que escreve, amarrar a linguagem. E não permitir que o texto fuja, de modo que se opere uma inversão na circulação cultural, ampliando o território de ação, para que o texto, assim como a proposição artística, possa desta forma exceder a sua própria esfera de exposição.

Questionamentos quanto às articulações entre produção em arte e o espaço social, justificam a pesquisa que conduzo no mestrado em artes visuais no Centro de Artes – CEART/UFSC. Nesta pesquisa, a intenção por examinar vocabulários poéticos emerge da vivência comunitária que mantenho no bairro do Campeche, Florianópolis. Neste sentido, a proposição em arte pode ser vista não como objeto mas como território, bem como metáfora que sinaliza àquela situação de imersão e à relação arte-narrativa.

Ao abordar processos artísticos vinculados aos espaços de circulação, a pesqui-

1

⁹ DURAS, Marguerite. Op. Cit.

¹⁰ ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. "A 'revisão da bibliografia' em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis – o retorno". In: BIANCHETTI, L. & MACHADO, A. M. N. (orgs.). A bússola do escrever. Florianópolis: Ed. Cortez & Editora da UFSC, 2006.

sa sugere uma perspectiva que anexa contextos locais para os chamados processos de desterritorialização do corpo. A produção realizada tem se articulado em torno de questões relativas aos espaços de circulação, e tenho buscado compreender o quanto estas produções podem ser potencializadas na pesquisa com mecanismos de extensão da escritura incorporada na prática artística.

Esta articulação é importante para pensar o caso da pesquisa em artes visuais na medida em que esta se encontra entre dois pólos: o do uso da racionalidade, e o do uso do imaginário¹². Se a pesquisa encontra sua originalidade na ligação que é elaborada entre estes dois pólos, a produção de textos relacionados à esta pesquisa explicitará as escolhas que envolveram a negociação sensível entre os aspectos formais com o estado singularizado da escrita. Assim, se pode pensar a enunciação, verificável no interior do texto, enquanto aspecto performativo de certos espaços de circulação. A invenção se daria por este caminho.

1

¹¹ ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Op. Cit.

¹² LANCRI, Jean. "Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas na universidade". In: BRITTES, B. & TESSLER, E. O meio como ponto zero: Metodologia de pesquisa em artes plásticas. Porto Alegre: UFRGS, 2002.